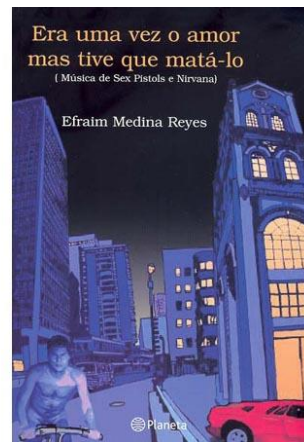


Èrase una vez el amor pero tuve que matarlo – retalhos e (im)potências de uma escrita experimental

*Daniela Bunn
Doutoranda (UFSC)*



Apresentado como um escritor experimental, Efraim Medina Reyes¹ que nasceu em Cartagena, Colômbia, em 1967, apresenta uma escrita, segundo ele, anti-Márquez. O escritor segue a frente do movimento colombiano denominado “Realismo Urbano”, que apresenta como características uma crítica social à temáticas contemporâneas como violência, narcotráfico, cultura de massa, música pop, confrontando-se ao “Realismo Mágico” de Gabriel Garcia Márquez e Mario Vargas Llosa. O escritor afirma ter como cânone a música pop. Entre hotéis baratos e amores mais baratos ainda, como afirmou em uma entrevista, escreveu a tragicomédia *Èrase una vez el amor pero tuve que matarlo*, como terapia contra a horrível sensação de fracasso e abandono. A estrutura do livro é uma desordem que apresenta um emaranhado de frustrações e (im)potências - é necessário costurar constantemente os retalhos para não se perder na história. O narrador é um

¹ Em 1980, depois de 14 combates sem vitória, retirou-se do boxe. Em 1984, abandonou Medicina para se dedicar ao futebol de praia. Em 1989, teve uma impressionante leva de namoradas gordas. Em 1991, fundou a multinacional Fracaso Ltda, “donde se necesite un fracaso allí estaremos”. Não mora na Itália (e em nenhum lugar por mais de dois meses) e é baixista da banda 7 Torpes. Seu blog, repleto de fotos do autor nu, não está mais disponível (<http://pistolerosputasydementes.blogspot.com>).

machista confesso que conta entre outros a história de um *amor que golpeia mais forte que Tayson*. Os fatos possuem uma ordem cronológica, porém são apresentados desordenadamente em oito capítulos subdivididos, quase todos datados e ambientados entre Cartagena (Cidade Imóvel) e Bogotá.

O livro é permeado pela frustrada história de amor entre Rep e uma *cierta chica*, apresenta uma crônica dos membros da empresa Fracaso Ltda, mostra o desenlace fatídico do assaltante de bancos John Dillinger e das estrelas de rock, Sid Vicious y Kurt Cobain, líderes dos grupos Sex Pistols y Nirvana, além de ser permeado por entrevistas e tentativas cinematográficas (o roteiro dos filmes é inserido entre os capítulos).

Vencedor do Premio Nacional de Novela do Ministério de Cultura na Colômbia, em 1997, o livro foi publicado na América Latina, Itália, Espanha, França e Alemanha. No Brasil, o livro foi traduzido e lançado pela Editora Planeta em 2006. Contando com uma narrativa *visceral* e *crua*, o autor subverte valores morais e sociais e também personagens reais. Em pequenos fatos picotados, o leitor é conduzido primeiramente a organizar as seqüências simultaneamente narradas, para então tentar desterritorializar cada fragmento reportando-se ao quebra-cabeça maior. O humor negro e as palavras sem medidas permeiam *Era uma vez o amor, mas tive que matá-lo* que, como orienta o autor, deve ser lido acompanhado por *Sex Pistols* e *Nirvana*.

No primeiro capítulo deste romance escrito em 2003, tomamos conhecimento da existência de Rep (diminutivo de réptil, assim conhecido desde criança). Procurei agrupar algumas das mais sutis características de Rep para que o leitor tome conhecimento desse narrador antes de montar o quebra-cabeça de histórias de Sid, Nancy, Mônica, Toba, Betty e outros. Rep, como mesmo afirma, não é um ejaculador precoce, mede seis pés e pesa oitenta quilos, possui uma boca sensual e corta as unhas até sangrar. Odeia mulher feia. Sua pele possui um fascinante odor, em contrapartida, possui acne no rosto e em outras partes do corpo. Segundo ele, é o tipo indicado aos sonhos das mulheres. Bebe, não canta, nem dança. É heterossexual. Pendurado nas paredes negras de seu quarto descansa uma foto de Uma Thurman. Diverte-se escrevendo telefones na poeira da persiana. Possui uma

máquina de escrever, uma gravadora e um cinzeiro para visitas. É obcecado por seios grandes e traseiros².

O narrador - Rep - apresenta o cantor Sid Vicious e sua esposa Nancy Spungen. Num jogo de características entre ele/ela a trama desse amor é tecida em meio aos shows de Sid, às leituras de filosofia de Nancy e às seringas compartilhadas. Nancy lia muito, Sid sentia ciúmes e, às vezes, queimava os livros, ela perdia a fome e se drogava. Sid tinha ciúme dos livros e perguntava por que ela lia. *Me gusta*, respondia Nancy. *Entendes pelo menos o que diz? Não*, respondia ela. *Então?* - *Me gusta*. Nancy ouvia Wagner. Sid não queria vê-la feliz, pois pessoas felizes não são confiáveis. Às vezes ele batia a cabeça na parede até sangrar, ela chorava, cuidava dos ferimentos e esgotada ia se drogar sozinha. A multidão adorava Sid, mas ele (lembro Salomé) queria a cabeça de Nancy e seus amantes numa bandeja de prata. Sid pensava em matar Nancy e Bob, o baterista da banda, que não havia feito amor com Nancy como pensava Sid, mas ele achava que isso podia acontecer. Em meio a descrição destes personagens, Rep nos apresenta Tânia, professora de idiomas.

No segundo capítulo nos é apresentado *Produções Fracasso LTDA*. Com um slogan convidativo (*donde se necesite um fracasso allí estaremos*) a produtora começa a rodar o filme com uma sony 3000, que devia ser devolvida em três dias. O roteiro do filme é inserido diretamente no terceiro capítulo, porém com outra letra. Neste entremeio, Rep dá uma entrevista para a revista *Perro Muerto*, revista de

² Segue o primeiro parágrafo do livro sem cortes: “Sou chamado de Rep - diminutivo de réptil - desde que me entendo por gente. Meço seis pés e peso oitenta e um quilos (como os caubóis de Marcial Lafuente Estefanía), tenho olhos negros e fundos como buracos de escopeta prestes a disparar, boca sensual e um pau de vinte e cinco centímetros nos dias de calor. Não sou ejaculador precoce nem costumo ter mau hálito, gosto de cortar as unhas até sangrar, tenho marcas de acne nos rosto e na bunda, dentes fortes e o cheiro natural da minha pele é fascinante. Sou o cara certo para a trepada eficaz e inesquecível com que toda mulher sonha. Também me destaco bebendo. Não sei dançar nem cantar, mas se aqueles que sabem essas coisas pudessem fazê-los como eu, estariam no auge. Os meus amigos acham que eu sou convencido, meus inimigos, que sou um paspalho. A e B são opiniões acertadas, mas já devem saber qual delas prefiro. Sou heterossexual e a minha inteligência é feroz. Tenho ferimentos de bala, faca e objetos não identificados. Nunca matei ninguém mas deixei muita gente à beira da morte física ou espiritual. Não é bom se meter comigo. Meu coração é pontiagudo como lascas de explosão. Eu não gosto de pessoas queixosas nem de mães que batem nos filhos. Há uma bela mulher chamada Nilda que eu adoro.”

pouca circulação, com repórteres amadores e uma yashica velha. As perguntas são sobre fama, guerra, mulheres infiéis, mulheres de talento (*Creio que cozinham bem*), arte, poesia, cinema (*não se pode pensar em cinema sem pensar em dinheiro*), amor, filosofia, infância, música.

O quarto capítulo apresenta a sequência datada: verão/83, inverno/77; inverno/86; verão/93; abril/94; maio/94). Ainda nos meandros da entrevista surge a pergunta: “Porque uma pessoa começa a escrever?”. Rep nos dá várias alternativas: porque pensa que tem algo para dizer, porque uma menina linda o deixou, porque o faz se sentir superior, porque é um cowboy sem oeste, porque tem dentes torcidos e não pode sorrir como queria, porque a mulher do vizinho é um bombom, porque ama uma mulher e ela é noiva e chega a um denominador comum: *escribo porque para todo lo demás existe mastercard*.

Já o sexto capítulo é permeado por músicas e frases sem datas num linguajar peculiar, narrando cenas sexuais, falando de literatura, bares, poemas, mulheres fantasmas (*quando tens um fantasma o único que desejas é falar dela a todas as mulheres que seduzes*). No sétimo capítulo o narrador fala das peripécias sexuais com Mônica (tradutora e professora de lingüística da UJC). No capítulo oito, *Sonho de uma cenoura congelada*, temos primeiramente uma seqüência sem data, logo a seguir fev/92, marzo/91, dez /92 e o encerramento do livro com a pergunta *Quanto tempo o cupim leva para devorar o bosque?*³.

Autor de "Técnicas de Masturbação Entre Batman e Robin", "Sexualidade da Pantera Cor de Rosa" e dos poemas de "Pistoleiros/Putas e Dementes", Reyes credita ao pop, às novelas *trash*, sua formação literária. Os livros apresentam uma certa semelhança com inclusões de roteiros de cinema, manuais de auto-ajuda, entrevistas, fragmentação, narrativas desconexas, personagens neuróticos que narram histórias num ritmo anacrônico e sexual repleto de (im)potências de escrita. Os corpos em Reyes não são inocentes, a escrita não apresenta metáforas, o corpo e as palavras são despídos, sem pudores. O corpo objeto vira linguagem abjeta.

³ Em entrevista, o escritor responde: “Querido amigo, não tenho todas as respostas, só espero que antes que o bosque desapareça o lobo tenha conseguido dar uma boa trepada com a Chapeuzinho”. In: Caderno *Mais!*, da *Folha de S.Paulo*, numa entrevista realizada em maio de 2004.

Esse corpo não metaforizado de Reyes, feito de carne e osso é tratado em sua literatura e na capa de seus livros (normalmente posa nu para a capa de seus livros) como um objeto de resposta, de exposição de suas críticas e conceitos – o próprio corpo como instrumento de crítica. Reyes não usa sinônimos para amenizar a escrita e neste contexto poderíamos pensar na abjeção no seu sentido primeiro, o de “lançar para fora”, porém a literatura, ao desdobrar-se como escrita, segundo Kristeva, apresenta-se no espaço da perversão. O escritor perverte a linguagem e torna-se ao mesmo tempo sujeito e vítima da abjeção que provoca. Para Kristeva, a abjeção é um estado de crise, não somente como repulsão física, mas como algo que perturba, algo que fascina e repele. Entre o fascínio dos jovens e o repúdio de alguns críticos, Reyes continua a perturbar leitores.

REFERÊNCIAS

REYES, Efraim Medina. *Èrase una vez el amor pero tuvo que matarlo*. Argentina: Planeta: 2003.

_____. Caderno *Mais! Folha de São Paulo*. Entrevista concedida em maio de 2004.

KRISTEVA, Julia. *Powers of Horror. An Essay on Abjection*. Translatede by Leon S. Roudiez. New York, Columbia University Press, 1982.